

Brasília, encontro com o Brasil

MANOEL CAETANO BANDEIRA DE MELLO

A ação de presença da Capital da República em pleno sertão vai revolucionar o Brasil. Esta é uma revolução de verdade, seja um caos, seja um pandemônio, como queren os adversários da mudança. Seja. Mas e dêsse caos que nascerá a grandeza brasileira, a autêntica.

Mesmo que se levasse um período de 10 anos para só então ali sediar a Capital da República, teria sido impossível evitar o pandemônio que se levantaria. Sem abalo profundo não se muda uma Capital para forjar uma grande Pátria.

O Brasil precisa ser a Pátria de si mesmo. Conquistar o seu próprio território. Êste o nosso auto-imperialismo. E a marcação de passo num período de 10 anos poria em risco a realização do empreendimento que para nós, brasileiros, é o mais audacioso do século e de toda a nossa História.

Por isso, faz-se agora a mudança que naturalmente demandará alguns anos para estar completada em todos os seus aspectos não rigorosamente essenciais. Uma Revolução ou faz-se ou não se faz. Não é possível levar 10, 20, 30 ou mais anos para montá-la, como quem montasse pirâmides no deserto. Brasília, ao contrário, eliminará desertos.

Não é uma obra faraônica; nasce para funcionar. E' coisa viva. Os governos ditatoriais, êsses são os que se empenham em construir obras de fachada. Não os governos democráticos. Muito menos os dirigidos por homem de Estado autêntico.

Investimentos de caráter mais ou menos secreto explicam-se pelo próprio mecanismo da ordem econômica e social vigente. E' a engrenagem misteriosa, a exigir impulsionamento. Ora, a construção da Capital de uma Nação é, sobretudo, um ato de democracia viva, porque tem que ser praticado à luz do dia, seja com erros ou desacertos, mas à luz do dia. Os que se abalançaram a fazê-la, de resto em cumprimento a um dispositivo constitucional, estão debaixo do olhar do povo, a descoberto perante a opinião. E a obra não representa nenhum investimento misterioso. A obra tem que aparecer, e funcionar, e viver em função do país, não de uns poucos grupos ou individuos situados no ápice do comando enômico-social.

(*) Transcrito da Revista *Brasília*, ed 21-4-60.

Inquestionáveis a importância histórica, as perspectivas sem fim do acontecimento para o Brasil. Agora, sim, o governo poderá sofrer de perto os problemas do interior. Longe de uma civilização de algum modo de Côte d'Azur, sem os encantos azuis da Guanabara, longe do Rio de Janeiro, por certo que a mais bela cidade do mundo, há que cuidar do aproveitamento das vastas e ásperas áreas que estão aguardando o interesse e o cultivo do homem aparelhado do Brasil.

As maiores parcelas do nosso povo, até aqui no olvido impôsto pelas distâncias e pelas dificuldades geográficas — o homem da roça, o matuto, o brasileiro dos sertões esquecidos, de todos êsses planaltos, montanhas, planícies, vales e matões, de norte a sul, de leste a oeste — todos êles poderão, doravante, contar com a atenção mais próxima, com a quase vizinhança do poder público federal. Que já não estará plantado no jardim da América, à beira do Atlântico Sul, contentando-se com a brisa marítima que traz consigo os influxos a uma civilização o seu tanto cartagigesa, porque apostada em governar de costas voltadas para o interior.

Com as suas estradas de rodagem, com a sua posição privilegiada, a irradiante Brasília representa a vitória sôbre a distância no território nacional.

O simples fato de localizar-se o governo da República no centro do mapa já valeria pela certeza de que todo o país se encontrará sob a sua mira. Mesmo que estivesse inacabada a cidade, mesmo que fôsse um simples descampado, a presença do governo federal teria o condão de produzir conseqüências incalculáveis. Porque importante é a mudança em si, não a cidade.

Sabe-se, contudo, que tal não é o caso. Brasília foi planejada por arquitetos e urbanistas brasileiros de renome mundial. Está sendo construída com a ciência e com a dedicação exemplar dos nossos engenheiros.

Já se mostra um monumento de arte e de funcionalidade moderna, edificada com rapidez impressionante, graças ao dinamismo e à capacidade empreendedora do grande povo brasileiro, que para lá acorreu provindo de todos os pontos do território nacional.

Com êsse elan criador que a embala, Brasília está sacudindo o Brasil inteiro. E' a esperança a tomar-se certeza à medida que avança o tempo de que o Brasil começa a se encontrar com o seu destino de nação mundial.

Isso de dizer que, daqui a meses, Brasília, cidade de funcionários públicos, será um centro ideal para psicanalistas, não colhe. Por mais monótona ou uniforme que viesse a ser a sua paisagem, é da natureza humana modificá-la. E Brasília só agora vai começar a viver. "*Chassez le naturel; il reviendra au galop*".

Precisa repisar-se que o importante não é a cidade de Brasília: o importante é a Capital do Brasil ser o sertão.

Não se forçou a nota ao dizer que daqui para frente o Brasil falará em termos de *antes e depois* de Brasília.

O ato inaugural constitui um impacto emocional de conseqüências profundas. É um princípio de conversa de um país continental consigo mesmo. Um encontro. Transfigurador aos olhos dos que vinham acompanhando com tristeza o lento e desigual desenvolvimento e progresso histórico do país, desde a descoberta até aos nossos dias.

Tôda esta força empreendedora em ação foi eletrizada pelo Presidente JUSCELINO KUBITSCHK. Nêle a vontade do homem de Estado se sobrepôs a quaisquer contingências. Só o animou o pensamento no progresso da nossa terra e da nossa gente. O destino de grandeza que a Providência reservou ao Brasil.

Isto o futuro dirá se é verdade ou não. Em pouco tempo.

COLABORAM NESTE NÚMERO

ALBERTO BONFIM — Assessor Técnico do D.A.S.P. Bacharel em Direito pela U.B.; Chefe da Seção de Regime Disciplinar do Serviço de Regime Jurídico da Divisão de Pessoal do D.A.S.P. Publicou os seguintes livros sobre matéria jurídica: "O Processo Administrativo", (7ª edição) e "Vademecum Trabalhista".

AFONSO BORGES FILHO — Agente Fiscal do Imposto de Consumo; Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais ex-Assistente Técnico da Diretoria das Rendas Inter-

nas; Ex-Membro do 2º Conselho de Contribuintes, Curso de Direito Fiscal na "École Nationale des Impôts" em Paris; Auxiliar Técnico do Gabinete do Ministro da Fazenda.

TOMAS VILANOVA MONTEIRO LOPES — Técnico de Administração do D.A.S.P.; ex-Diretor da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento e do Serviço de Documentação do D.A.S.P.; Professor dos Cursos de Administração do mesmo Departamento. Atualmente prestando colaboração à Casa da Moeda.